

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 59 (NUMEROS) 15000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL. 25000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

AVEIRO

REMATANDO

Sabe-se que a causa primeira da nossa desgraça de ha cincoenta annos a esta parte, cada vez mais accentuada e mais insupportavel, foi a transigencia deploravel do constitucionalismo com as velhas tradições, e a continuação do antigo systema de conducta. Quando toda a gente esperava que as novas instituições iniciassem uma vida reformadora e progressista, viram-nas pactuar com todo o existente e para sustentar o pacto descer ás immoralidades e baixezas que tanto haviam combatido no absolutismo derrotado. D'ahi, apoz uma resistencia popular que se quebrou na falta de enthusiasmo e de convicções dos Costa Apitas d'essa epocha, eternos trambolhos do progresso, espinhos permanentes da democracia, este desalento da nação, este indifferentismo justificado da parte da sociedade portugueza, que affasta os olhos da politica, por que nunca viu na politica senão uma lucta indecorosa de saltimbancos pela melhor esportula dos chaveiros do thesouro e por uns magros applausos da turba embriagada.

Porque foi isso? Porque entrou o constitucionalismo, que era uma aspiração de justiça, que deveria ser um meio pratico de moralidade e economia, no caminho degradante que nos tem levado ás ultimas vergonhas? Exactamente pelo mesmo motivo por que a Republica continuaria esta situação infamante, com a gente que a manda e governa, se conseguisse obter o poder no nosso estado incompleto de elaboração d'ideias, de orientação de consciencias, d'evolução dos espiritos. Porque não havendo educação na grande massa do paiz, não tendo conhecimento de principios que lhe dessem uma convicção ousada sobre o novo estado de cousas, convicção que lhe per-

mittisse discernimento bastante para saber apoiar os representantes das melhores doutrinas, venceu a corrente dos especuladores que tiravam a sua força do apoio das velhas regalias e privilegios, dos interesses adquiridos, das usurpações consagradas, como hoje procura vencer no partido republicano a corrente dos que vieram para aqui por um impulso de sentimentalismo e despeito, sem noções claras do systema que apregoam e nem sequer enthusiasmo pela regeneração nacional. Mousinho, José Estevão e Passos Manuel foram abafados pelos Freires, os Aguires, os Rodrigues da Fonseca, os Avilas e outros tantos da cohorte dos *tolerantes*, dos *sensatos*, dos *politicos*!

O que aconteceu no constitucionalismo acontecerá na Republica, se a Republica for ao poder antes do triumpho dos verdadeiros ideaes republicanos no espirito publico. E com circumstancias aggravantes, porque não ha entre os mandões democratas um unico homem do valor dos corypheus transigentes do velho constitucionalismo. Quer dizer, a Republica do sr. Loureiro, e para a cobrir de ridiculo basta designa-la assim, ha de ser uma burla muito maior e mais reles do que tem sido a monarchia liberal do sr. marquez d'Avila e Bolama!

E' serio? Havemos de aceitar em silencio o santo e a senha d'estes homens? Quem quizer que o aceite; nós não o aceitaremos, nós não nos calaremos, e o futuro fará justiça a cada um. Não nos move nenhum sentimento d'odio, nem de despeito, nem de vingança, nem de ambição. Já mostrámos que não tinhamos que odiar, nem que vingar; para mostrar que não temos que ambicionar basta a lembrança de que o caminho que seguimos não é o melhor para conquistas d'ambições e poderios. Não se entra de cabeça erguida no reino da gloria, nem se chega aos pés do throno a despedir golpes para todos os lados! O que nos move é um sentimento d'indignação, de revolta, por este espesinhar de

todas as crenças, de todas as noções de justiça. Estamos fartos de ludibrios e enganos. Ou na democracia portugueza vence a corrente do justo e da verdade, ou nós continuaremos implacaveis n'este combate até ao fim, ao menos para salvar responsabilidades, ao menos para que se saiba um dia que não estava tudo podre n'esta terra e que houve mais do que um a não se deixar seduzir por vãs promessas nem por falsas apparencias.

Ha quem tome o silencio por a melhor regra de conducta? Embora; cada um vai pelo caminho que trilhou. Nós estamos n'este, nós ficaremos aqui:—a revolucionar consciencias, a illuminar cerebros, a estabelecer preceitos. Nem todas as areias cedem á corrente impetuosa do mar. E muitas das que cedem vão-se accumulando alem, no melhor sitio!

Vae mal o partido republicano? Estão todos d'accordo n'este ponto, gregos e trojanos. Então o melhor é que os talentosos, os justos, os dignos se retirem silenciosos, desanimados a acalentar meninos, e cedam o passo aos nullos, aos insignificantes, aos petulantes, aos especuladores. E depois, na hora precisa, na ultima, na definitiva, nem a confiança do paiz, nem a esperança benefica e forte do povo, nem o enthusiasmo dos proprios amigos. Vae tudo de choldra por agua abaixo, como foi o constitucionalismo, n'esta apathia melancholica que tanto nos caracteriza, apathia da descrença, melancholia da impotencia, n'este encolher de hombros tradicional portuguez.

Não, não; também nós iremos para a poesia do lar, mas quando cumprirmos a nossa missão. Antes d'isso é um dever fazer um esforço, por pequeno que seja, pequeno porque nos faltam as qualidades poderosas dos que se calam, para impedir esta absorção dos melhores ideaes por meia duzia de typos que ninguém conhece e ninguém reconhece. Pois não vedes que até já os proprios chefes abdicam? Não vedes que elles mesmos se estão concentrando a pouco e pouco para deixar o apanagio da direcção e

da doutrina aos rapazes do *Seculo*, aos modernos papas e prophetas da Republica, que teem todos os defeitos dos chefes sem nenhuma das suas qualidades e nada da sua auctoridade? Não vedes que enquanto os actuaes oportunistas da Republica franceza foram radicalissimos no tempo do imperio, facto natural por que as exigencias do poder obrigam a muitos recuos, os rapazes do *Seculo* e os Papas da anti-jesuítica, e quem disse rapazes e Papas disse tudo que nos manda, são no tempo da monarchia portugueza mais reaccionarios, mais intolerantes, mais conservadores do que os proprios monarchicos? Se elles obedecerem á lei natural das cousas, o que serão no poder?

Não, não; seguir a nossa conducta não é fazer mal ao partido. E' salva-lo, é organisa-lo, é prepara-lo, é incitar os proprios chefes a entrar n'um caminho regular e a que enxotem a rapaziada sem valor e sem auctoridade que está sujando os ultimos restos de valor e auctoridade que elles tinham. Não; é guiar espiritos, é preparar barreiras á corrente devastadora que ahí vae, é arremessar para a frente uma opinião consciente, forte, que saiba o que quer e o que precisa. Não é um trabalho de derrocada, o nosso; é um trabalho de resistencia, de reabilitação, a que se fará um dia, se não se faz já, inteira e completa justiça. Até lá, conservaremos em evolução os nossos principios ultra-radicalistas para trabalhar n'uma Republica reformadora—progressista, que aceitaremos enthusiasmicamente como primeira conquista social e politica. N'uma Republica, que seja Republica! Quando não, não e não! Estamos onde estivemos sempre.

D. MARINHA CORREIA

Foi absolvida no Porto esta mulher, que depois de se tornar celebre por mil aventuras se tornou mais tristemente celebre com

o assassinato do proprietario da casa onde vivia. Não conhecemos o processo, as allegações da accusação ou da defesa; apenas sabemos o que os jornaes vagamente disseram, e não disseram o sufficiente para nos esclarecer, para nos levar ao espirito uma opinião decidida no assumpto. Entretanto, parece-nos que ha um grande escandalo na impunidade d'aquella mulher. O que a levou a praticar o assassinato? Viu a sua honra arrastada publicamente como a viu em França madame Clovis Hugues? Viu-se lançada na miseria por qualquer fadista do chic? Viu o seductor da sua virgindade rindo-se d'ella na impunidade da lei, da lei que a não vingava, da lei que a não protegia? Não; nada d'isso. Assassinou um homem, porque esse homem replicou com azedume ou insolencia ao azedume e insolencia com que ella lhe fallára!

Insultou-a sem motivo? Não sabemos. Mas que insultasse? Responde-se a um insulto, e principalmente uma senhora, com um assassinato? Não cessámos de o repetir:—moralmente estamos no tempo de Nero, do mais refinado baixo imperio, da mais torpe dissolução dos espiritos.

Emquanto não nos justificarem com provas convincentes, e não justificarem porque supomos bem que taes provas não existem, o assassinato extraordinario de que fallámos, não deixaremos de considerar a heroína do Porto um cerebro desarranjado pela leitura de romances, sem nenhum do simpathico, nem mesmo o da distincção, porque foi vulgarissima nos seus actos romanescos, e o tribunal que a absolveu digno de todas as censuras.

Meus senhores:—d'aqui em diante quando fallardes com uma dama que leia romances, use de revolver em lugar de luvas!

A ATTITUDE DA GRECIA

Tem sido verdadeiramente extraordinaria, verdadeiramente grande, a conducta d'aquelle no-

xa de todas as superstições e de todas as baixezas.

E' verdade que o christianismo pôde invocar uma circumstancia atenuante:—o cesarismo.

Se o cesarismo não existisse, existiria a resignação dos estoicos? Chegarse-hia a esse desinteresse da vida publica, de todos os actos fosse qual fosse a circumstancia que os produzisse, que nós temos assignalado.

A maior parte dos estoicos desprezam o mundo em que vivem, são obrigados a desprezar-se a si proprios, como Seneca. Para escapar a este desprezo, espiritualisa-se.

O estoicismo pythagorico é ensinado em Roma desde o principio do imperio, senão praticado por Sextius Attalio, Seneca, Julius Canus, Thraséas, Helvidius, Priscus e Musonius. Os mancebos renunciavam a carne, ao vinho, tornavam-se verdadeiros ascetas. Desprezo do mundo, dos gosos materiaes, e, como consequencia, aspiração á morte; mas a morte não era senão um repouso; o que lhes faltava para vencer as revoltas da natureza assim violentada e enganada, era a esperança alem da tumba.

Já Platão, o verdadeiro pae do christianismo, tinha dito: «O corpo enche-nos d'amores, de desejos, de receios, de mil chimeras, de mil loucuras...» Como espiritalista, esqueceu-se de estabelecer uma pequenina questão:—Haveria homens, se o corpo do homem não existisse? Entretanto a questão ia-se estabelecendo n'aquella noite sombria, n'aquelles nevoeiros do cesarismo em que o homem perdia a noção da realidade. Seneca, para desculpar o proprio corpo, estabelecia um dualismo entre si e o espirito:

«Este envolvero mortal impede o homem de se elevar até ao conhecimento do que é immortall... O espirito esmagado, cego, manchado, vê-se affastado da verdade e lançado em erro... Todos os combates que trava com esta carne pesada são uma resistencia ao peso que o arrasta e o lança no abysmo da materia!... etc.»

A furia da morte apparece. Os ouvintes de Epicteto dizem-lhe n'um dos seus dialogos: «Já não podemos com o peso do corpo; estamos cansados. A morte não é nada. Ha um parentesco natural entre nós e Deus.» Que responde o philosopho? Não

contesta e não podia contestar: aconselha simplesmente a resignação: «Esperae as ordens de Deus.»

Plutarcho diz que nos devemos alegrar com os funeraes do homem de bem, que a morte libertou da servidão do corpo.

Eis onde ia parar com os philosophos o ideal d'um homem apartado da natureza, sempre bom, acima do soffrimento, das tentações e das necessidades do corpo. Provava o profundo aborrecimento da epocha, o profundo desanimo que, sob o despotismo cesariano, se apoderava de todos que o tinham de supportar. Não se sabia viver; só se tinha esperança na morte.

O cesarismo, negação da natureza, tinha lançado a humanidade fóra da natureza. Duas cousas o provam:—a doutrina ascetica dos philosophos e as devassidões de todo o mundo.

O ascetismo e o deboche teem uma origem identica: o desejo do impossivel, a aspiração alem das forças do homem, a insaciabilidade de sensações novas. O deboche e o ascetismo são effeitos distinctos d'uma mesma affecção:—a hysteria.

Escutae Juvenal, Suetonio, Tacito,

pintando a sociedade do seu tempo: mostram a cada instante o furor de todos os poderosos por não poderem possuir o mundo inteiro e fazer d'elle um instrumento de gosos.

A voluptuosidade juntava-se a ferocidade: os excessos de crueldade casavam-se com os excessos de prazer. Aqui lacaro cahia ensanguentado no balcão do imperador; acolá Prometheu, preso a um rochedo, era despedaçado por um urso com applauso do povo. Condenados untados de pezo e de resina illuminavam de noite os jardins de Nero!...

Era uma orgia sem fim, uma embriaguez, um furor, um «delirium tremens», em que se confundiam todas as voluptuosidades e todas as atrocidades, onde desaparecia o limite entre o goso e a dor, onde tudo «turbilhava» na vertigem de desejos impossiveis. Torpeza moral, torpeza intellectual, torpeza physica, tal era o estado da sociedade.

Os gregos, fatigados do vão espiritalismo de Platão, das discussões ociosas que provocava a sua dialectica, procuravam formulas para falsificar a intelligencia.

O platonismo encontrou-se em Ale-

FOLHETIM

DEPOIS DO SACRIFICIO

O CHRISTIANISMO JULGADO FRIAMENTE

(O CESARISMO É A CAUSA DO ASCETISMO.—A RESIGNAÇÃO DOS ESTOICOS.—O CORPO E O ESPIRITO.—ORIGEM IDENTICA DA DEVASSIDÃO E DO ASCETISMO.—O DESEJO DO IMPOSSIVEL.—O ASCETISMO NO EGYPTO.—JACQUES, O IRMÃO DE JESUS.—ODIO Á CARNE.—A MULHER NO CHRISTIANISMO.)

Estabelecidas estas bases, o christianismo sente uma especie de voluptuosidade, de tenacidade, «d'encarnicamento» na sua obra de degradação do homem. Experimenta um goso intimo em o machucar e despedaçar, em o converter n'uma massa informe, n'uma gra-

bilissimo paiz na questão do Oriente. Que grande exemplo e que grande lição não está ali para Portugal! Enquanto nós nos temos deixado expor por todos, enquanto temos sido o ludibrio de quantos rapinadores vão pelo mundo, incluindo os rapinadores da monarchia brigantina, a Grecia, mais pequena do que Portugal, não só não mostra medo a uma nação poderosa como a Turquia, como nem recua perante as imposições humilhantes da Europa inteira. Acto brilhante de independência e de altivez! «Esmaguem-nos á força; mas não arancarão actos nem concessões que nos deshonrem!» E' a resposta heroica d'aquelle heroico paiz!

Isto faz um paiz com menos poderio do que Portugal, sem expansões fóra da Europa, sem poder dispor da influencia de que nós poderíamos dispor. Faz isto, a Grecia! Portugal em questões muito menos importantes tem-se coberto de opprobrio e de vergonha, cedendo sempre ás imposições mais degradantes, sem coragem para succumbir á força, no seu posto da honra e do dever. Ainda n'outro dia apregoaram para ahi a *nossa energia* na conferencia de Berlim! Se não fosse agora o diabo da Grecia era capaz de ficar muita gente acreditando que fomos *energicos* d'essa vez! E' possível; energicos como sempre... em nos deixar roubar.

De resto, tudo se explica. Na Grecia ha um povo adeantado e altivo. Em Portugal, ha uns poucos de milhões de bestas que só servem para resar o terço e acender velas ao altissimo. N'isso vão bem!

Carta de Lisboa

14 de maio.

Tratemos de podridões sociaes. Ellas ahi vão, respigadas nos periodicos da corte. Fallam as *Novidades*:

«Na cerimonia do casamento, sua magestade a rainha trajará um vestido de grande galla, copiado d'um quadro de Rubens: *O triumpho de Maria de Medicis*. Vestido de velludo azul celeste, bordado no estylo Luiz XIII com perolas e diamantes. Manto de rainha, preso nos hombros, de velludo azul-rei, bordado com grinaldas pallidas destacando-se sobre o fundo azul. Em vez das flores de luz da França, o manto será semeado de flores de romãseira sobre seda branca, destacando-se do fundo escuro.»

«Sua magestade a rainha mandou fazer uma *toilette* de passeio, no genero Luiz XVI, toda de *crepe* da China cõr de creme adornado de cravos, bordados em seda cõr de rosa e purpura. A saia cae sobre um *jupon* de velludo *holio trope*. Corpete de velludo da mesma cõr bordado de cravos.

Toilette de caça: saia de panno *carmelite*. Perpõem de pelle da

Suecia, cõr *carmelite*, adornado com um galão de ouro. *Plastron* de velludo *carmelite*. Chapeu de feltro com plumas da mesma cõr.

Para o dia das corridas: *Toilette* estylo Luiz XIII, de velludo *mousse*. Tunica de renda, apertada com uma *charpe mousse*. Corpete de velludo de Gênes *mousse*; aberto sobre rendas brancas. Chapeu de feltro d'Artagnan, cõr de perola com plumas *mousse* e *pompon* de rosa-chá.

Para o baile: Saia de *tulle* branco coberto de lilazes brancos em relevo. Cauda de brocado branco. Corpete de *tulle* e brocado. Os ramos e a folhagem dos lilazes são bordados á Luiz XV. As luvas são muito altas e cõr de creme com o monogramma M. P. e a corõa real bordadas a cõr sobre o punho.»

«A ceia d'uma ex-loira

Todos a conhecem. Loira (perdão! deixou de ser loira haverá tres mezes) com uma cintura de vespa e um pé de Cendrillon, usava umas *toilettes lapageuses*, que davam rebate do seu apparecimento nos theatros, como se um som de clarim a annunciase. Ultimamente era frequentadora assidua do Colyseu. S. Carlos afugentava-a; — não sabemos se foi desgosto pelo preço das cadeiras, se foi irritação nervosa produzida pela musica. O que é certo é que, ha muito tempo, só ali, no circo, é que a vimos, já de cabellos escuros e de vestidos... da cõr dos cabellos! Que motivaria uma mudança, que abrangerá até o *chignon*? Porque é que ella, que tanto se mostrava, agora como que se escondia? Quem poderá dizel-o? Vão lá perguntar á onda irrequieta porque, n'uma inconstancia eterna, ora corre a espreguiçar-se na praia, ora foge apressada até enovelar-se na companhia que avança!...

Pois hontem esta ex-loira ceia-va no *restaurant* Silva. A meio da ceia entrou um antigo conhecido e veio tomar logar na banca onde um outro estava já divagando a proposito da instabilidade das coisas mundanas. Esta intervenção d'um terceiro em colloquio tão philosophico perturbou-o, e d'aqui, naturalmente, uma desordem, em que o sangue dos dois correu de mistura com as lagrimas d'ella.»

«Tragedia de amor

Quando já o nosso jornal estava prompto e quasi a entrar na machina, chega-nos noticia d'uma tragedia, que temos de resumir em poucas palavras.

Ella é uma rapariga muito formosa, de dezoito annos talvez, filha d'um industrial, que ha pouco tinha um *restaurant* n'um dos largos da cidade; elle é um rapaz conhecido, e que abandonara os estudos na universidade por causa d'esta paixão.

Ha dias raptou-a. A familia procurou-a em toda a parte e deu parte á policia, que não conseguiu encontral-os.

Hoje, de manhã, elle escreveu uma carta á mãe d'ella, pedindo-

lhe para apparecer no hotel de Italia.

Quando a mão appareceu, já depois das cinco horas, elle, puxando d'um revolver, desfechou sobre a amante e depois em si.

O ferimento d'ella é pouco grave, n'um braço. O d'elle, tendo mais importancia, não parece, porém, que seja desesperado.

Encontraram-se-lhe tres cartas.

A' manhã daremos outros detalhes.»

Agora falla O Economista:

Perdão d'acto?!

O *Correio da Manhã* recebeu hontem o seguinte telegramma de Coimbra:

«A academia de Coimbra, reunida em assembléa, nomeou uma comissão para ir pedir a sua magestade perdão d'acto. Muitos academicos, porém, protestam energicamente.»

Estámos de accordo com os protestantes. A academia de Coimbra de ha tempos para cá está-se desautorizando extraordinariamente. Está esbanjando n'uma prodigalidade estroina aquella soberba herança que lhe legou a nobre academia que collaborou nas festas dos centenários de Camões e de Pombal.

Custa até a perceber como de cerebros robustecidos por uma certa cultura intellectual pôde sair uma idéa tão disputada.

Uma parte da academia de Coimbra não encontrou outro meio de solemnizar o consorcio do principe real a não ser manifestando publicamente a incapacidade, que decerto não tem, em dar conta de si, implorando por esse motivo de sua magestade um indulto á sua *cabulocel*!

Por ultimo tem a palavra O *Seculo* para estigmatizar estas podridões, esta borracheira, este estado social degradante:

«Aos espectaculos da rua que se preparam deslumbrantes gastando-se rios de dinheiro, o povo ha de concorrer, mas não será para hossanas e vivas, improprios d'este tempo de democracia; mas para apreciar com os proprios olhos como o seu dinheiro é gasto e no mesmo logar mostrará a reprobção. Povo, gente modesta que labutas todo o dia para ganhar aquillo com que te sustentará e á tua mulher e aos teus filhos, corre pressuroso a ver os foguetes, e as paradas, e as procissões de equipagem da corte. Leva contigo, operario, as innocentes creanças e explica-lhes diante das festas que o pão que não poderam ter sufficiente n'esse dia, foi gasto em todo aquelle luxo e fausto, com um cynismo e achincalhamento superior a tudo quanto se podia esperar. Ao concluides a simples narrativa na vossa linguagem chã, dae em vossos filhos uma forte bofetada, que era o que outr'ora se fazia diante dos patibulos, para com a lição da desgraça patente as creanças aprenderem a virtude.»

Parece-nos que o leitor não precisa de mais nada para julgar a sociedade portugueza, para ava-

liar da baixesa a que chegámos, para apreciar o meio degradante em que vivemos. Ahi tem n'esses extractos de jornaes a sociedade portugueza! Ahi tem em revista toda a nossa existencia nacional! Ahi tem o anjo da caridade a copiar, na loucura do luxo, os seus trages realengos dos quadros de Rubens, o que é mesmo d'anjo, e *d'anjo da caridade*, principalmente neste tempo de simplicidade democratica; ahi tem as devassidões das prostitutas, das messalinas louras, as scenas de pugilato no bordel, levadas em romance até ao seio das familias, sem duvida para educação austera, para consagração da innocencia das meninas; ahi tem a continuação d'esta bebedeira dos espiritos, d'esta allucinação geral dos ultimos tempos, n'essa tragedia de amor, que é outro golpe na seriedade das familias e no decoro publico; ahi tem o ultimo esphacelar da altivez, da independencia, do brio dos rapazes, n'esse pedido reles das *garantias do futuro*, que se andam a garantir na universidade de Coimbra; emfim, ahi tem uma promessa de regeneração nacional na chateza com que o orgão dos republicanos fulmina todas estas podridões. Que mais querem os leitores? Não temos mais nada que lhe dar. Ahi está tudo. E' um poema, isso que ahi fica.

E' permanente o esforço dos aulicos da realza em nos apresentar sua magestade a rainha como modelo de desprendimento e isenção; mas, por fatalidade, sua magestade é permanente em se apresentar a todo o mundo como o peor exemplar da hysteria e extravagancia! A modestia e a simplicidade não ficam mal a ninguém, principalmente a quem se decora com o titulo pomposo de anjo, e d'anjo da caridade, aquelle anjo que quasi nã vae ajoelhar ao pé da morte nos tugurios do pobre, esconde a mão direita da esquerda e volta para o lado a cabeça da creança que leva pela mão, para que o não veja acalentar a creança que tem ao collo!

Podem-nos advertir que sua magestade está no direito de gastar o que é seu. Seria uma advertencia igual á dos progressistas, que pretendem exaltar as festas, porque as festas vão deixar muito dinheiro ao commercio! Em primeiro lugar, persistimos em achar muito pouco proprio d'anjo de caridade essa copia de Maria de Medicis, e toda a louca extravagancia de vestidos que ahi vae. Em segundo lugar, ou sua magestade está na primeira cathogoria dos cidadãos, ou não está. Se está, não pode insultar (com esse luxo excepcional) a pobreza do paiz, a quem um ministerio ainda n'outro dia foi pedir novos impostos, como o ministerio progressista os ha de pedir amanhã, segundo a sua propria confissão. Se não está, restitua-nos os subsidios annuaes que lhe entregámos, porque não estamos aqui a dar dinheiro para luxos insultuosos a quem se colloca acima da nossa condição na-

cional. Depois, para que nos pediu sua magestade cem contos para as bodas de seu filho? Se gasta centenas d'elles em vestidos, é porque tem dinheiro de sobra para festanças. Escusava de descer á *humilhação de pedir* dinheiro ao povo.

Voltando á historia dos progressistas, não é má a petulancia d'esta garotada em justificar as despezas nacionaes com os lucros do commercio de Lisboa! Ainda que esses lucros sejam reaes, por ventura o pobre tem obrigação d'abrir a bolsa para enriquecer o negociante da capital? Por ventura o paiz inteiro tem obrigação de pagar para Lisboa? Só é proprio d'esta garotada!

Emfim, o que se vê é que o principe vae infeliz como o diabo. Por mais que se matasse não foi capaz de descobrir n'outro dia a estatua da victoria, quando pela primeira vez lhe davam essa honra como *chefe do exercito*! Vae ouvir, ao que se diz, tocar a mar selhesa pelas bandas regimentaes no dia do seu casamento, o que é *d'uma gallinha* de seis centos diabos. Os estudantes de Coimbra, para festejar o seu consorcio (d'elle, principe, como diria o Jayme), dão uma idéa tristissima dos seus entusiasmos monarchicos, pedindo o perdão de acto. E para cumulo, até os *salsas* dão escandalo por causa da Juliana, da Juliana para quem elle principe se dignou olhar, se a voz do publico é a voz de Deus ou do diabo, nas vespas do seu proprio casamento. Só falta que venha o cholera com as festas!

Y.

Revista internacional

INGLATERRA

Gladstone apresentou para segunda leitura na camara dos communs o seu projecto autonomista da Irlanda. As galerias estavam cheias. O velho liberal fallou por espaço de duas horas defendendo a sua medida e pondo-a a coberto dos ataques dos inimigos e desfazendo cuidadosamente os argumentos dos que a haviam impugnado.

Havia prometido umas certas contemporisações, mas foi parco n'esse sentido, reservando-se todavia para tomar em consideração algumas das indicações mais ponderosas quando o projecto passe á commissão respectiva.

Hartington e Chamberlain prestem dissidentes, porque as concessões de Gladstone não os satisfizeram, chegando o primeiro a pedir á camara que regeitasse o *bill*, que afinal não foi discutido.

Parnell e a sua gente, ou os deputados irlandezes, admittiu as concessões feitas ao sr. Chamberlain.

E' possível que a medida soffra grandes retoques. Gladstone, em face da attitude condescendente dos representantes da Irlanda, não querará perder o seu apoio, em troca de concessões

xandria com o judaismo; ahi se elaborou, n'esse centro cheio do deleterio comunismo egypcio, o verdadeiro christianismo da idade media, e ahi se mostra em toda a sua verdade e com todas as suas consequencias.

Os platonicos estavam bem preparados para o ascetismo. E' verdade que Platão, na sua «Republica», tinha-se preocupado com o melhoramento das raças; mas era pura inconsequencia. Os seus discipulos mais logicos d'Alexandria desprezavam o problema.

Maximo de Tyr exclamava: «A alma generosa, ouso dizel-o, verá sem saudades a decadencia e a dissolução do corpo; é como um prisioneiro que vê apodrecer e abater os muros da prisão, esperando com impaciencia a luz e a liberdade. Que são para a alma estas pelles, estes ossos, estas carnes? Estorvos d'um dia, quando não são pesadas cadeas...»

Antes d'elle, Philon, o «Platão judeu», já tinha apontado como modelos «homens pobres, sujos, lividos, semelhantes a cadaveres, com signaes no rosto de afflicção, doenca e fome!»

Os essenianos e os therapontes já dreenchiam estas condições; estes ulti-

mos retiravam-se para as solidões, habitando cada um a sua ermida. Só no fim de sete dias se reuniam para entoar canticos e ler as escripturas. Ora nós já mostrámos a influencia que o essenianismo teve sobre Jesus.

Jacques, seu irmão, é uma prova d'isso. Eis o retrato entusiasta que Hégesippe traça d'elle:

«Foi santo desde que nasceu. Nunca bebeu vinho, nem comeu carne. Nunca cortou os cabellos, nunca tomou um banho. Tinha o costume de orar pelos peccados do povo: a pelle dos seus joelhos tornou-se callosa como a d'um camello. E' por esta extrema justiça que foi chamado o justo...»

Não tinha Jesus dito: «Resa e vella! Tem um manto só, não precisas de calçado!... Não t'importes com o pão quotidiano!...»

N'uma palavra, tratava-se de forçar o homem á abstracção de si proprio. Era uma doutrina judia, que Paulo perfiou estabelecendo o dualismo entre a carne e o espirito. A carne conspira contra o espirito e o espirito contra a carne.

«As obras da carne são: a fornicção, a impureza, a lascivia, a idolatria, os malefícios, os odios, as disputas, a

inveja, as coleras, as altercações, as facções, as heresias, os ciumes, a embriaguez, os deboches e outras cousas semelhantes. O fructo do espirito, pelo contrario, é o amor, a alegria, a paz, a paciencia, a honestidade, a bondade, a fé, a doçura e a temperança. Os que vão com Jesus Christo crucificaram a carne com as suas paixões e os seus desejos.» (Epistola aos Galatas.)

Odio á carne, por consequencia odio á mulher!

Quiz-se fazer do christianismo o triumpho da mulher e ella propria o a creditou.

As mulheres, como os outros opprimidos, como os outros proletarios, foram ludibriadas pelo equivooco do christianismo de que temos fallado. Abraçaram-n'o acreditando que lhes trazia a independencia, a emancipação, a equaldade que a velha civilização grega e romana tão obstinadamente lhes recusara; mas o christianismo, acolhendo-as bem no principio como tinha feito a todos os pequenos, separou-se d'ellas bruscamente, depois de as ter lisongeadas, de lhes ter dado dignidades, de as ter seduzido, ou antes, patenteou a separação que tinha occultado ao princi-

pio. — Quem és tu, mulher? exclamou elle. És a filha d'Eva, a que, deixando-se seduzir pela serpente, seduziu o homem e o perdeu; és a eterna causa do peccado desde o paraizo terrestre até ao fim do mundo; peccas por isso mesmo que existes, e quanto mais fores mulher, isto é quanto mais bella fores, mais culpada te tornas, porque és mais provocante. Tu és o mal, porque és o goso d'esta carne maldita. És o mal, por que representas o amor desviado do seu idealismo funebre. És o mal, porque és a vida, porque a perpetuas, e nós representámos o tumulo. És o mal, porque és a felicidade n'este valle de lagrimas, e nós não admittimos felicidades senão no tumulo.

Para traz, pois, femca do homem, grande tentadora, voz de satanas, que colhes o fructo da arvore da sciencia! Para traz! O teu contacto com o homem é uma macula. Agostinho não permite que se aproximem um do outro senão para que os christãos não desapareçam da terra e por isso não prejudicar a gloria de Deus. Jeronymo vae mais longe: o casamento é sempre um vicio; o que se pode fazer é desculpal-o, é santificarl-o. Faz-se um sacramento para o pu-

rificar. Deita-se-lhe agua benta para lavar esta grande infamia. O baptismo lava o peccado do nascimento; o casamento lava o peccado da procreação.

A mulher não soube conservar o seu corpo puro, porque obedeceu ao demonio da carne. Pois bem: o sacramento prende-a, encadeia-a para toda a vida ao homem. Pertence-lhe. «Mulheres, obedeci aos vossos maridos», disse Paulo. E' a escravidão até á morte.

E a escravidão da mulher é dupla.

O padre, entregando-a a um homem, não deixa de a conservar na sua dependencia. Entra como terceiro na alcova; intertem entre o marido e a mulher para dominar o demonio, e ella, docil, ajoelha-lhe aos pés, e implora, e entrega-lhe o homem a quem elle a ligou. Em recompensa, o padre despreza-a de tal forma que procura fora da natureza a satisfação das suas paixões.

(CONTINUA.)

IVES GUYOT.

que não affectam as bases essenciaes da sua ideia. Isso será já um grande passo andado no caminho da reabilitação d'um povo, que tem vivido sem nenhuma garantia de equidade e de justiça.

A Irlanda collocada no terreno relativamente bom que lhes leva o projecto Gladstone, tomará animo para novas conquistas economicas e sociaes.

No entretanto esperemos os acontecimentos.

HESPAÑHA

Está aberto o parlamento, havendo a ridicula pragmatica da leitura do discurso regio, que por não poder ser papagueado pela viuva regente em consequencia do seu melindroso estado de saúde, o foi pelo sr. Sagasta. Muito fogo d'artificio, muita rethorica, o costume em banalidades, em promessas, em rissonhas espectativas de felicidade presente e vindoura.

A campanha parlamentar promette ser tempestuosa na actual legislatura. O grupo de deputados republicanos ha de fazer sentir a sua energia. Salmeron já se fez ouvir provocando um incidente ruidoso a proposito do regulamento, e aproveitou o ensejo para atacar o juramento politico, sendo incisivo e vehemente no seu discurso.

Os debates, pois, hão de ser interessantes. O partido republicano acha-se representado na camara pelos seus primeiros homens, e a anciedade publica está suspensa do seu valor.

Esperam-se que ao bom successo da regente se sigam importantes acontecimentos politicos.

—A grande preocupação do momento na corte de Madrid é a escolha d'uma ama para a creança que, dentro em poucos dias, a rainha-regente de Hespanha dará á luz.

Estes ultimos tempos, o dr. Sanchez Ocana, da Faculdade real de medicina, tem examinado vinte e duas mocetonas solidas e algumas d'ellas com mediocre aspecto de camponias. Estas já alimentaram creanças da aristocracia madrilenha. Entre as pretendentes, ha uma que atrahiu muitissimo as atenções. Revestira um traje magnifico de velludo vermelho e preto agalado d'ouro e prata, diamantes nas orelhas e uma mantilha de rendas. Chama-se Raimonda e acaba de crear o principe da Baviera.

Neve mezes de descanço no seu adoravel cottage de Revilla, permittem-lhe reassumir as antigas funções.

Todas as mulheres que se apresentaram são muitissimo bonitas, mas ainda não se fez escolha. Antes, é preciso inquirir da sua moralidade, dos seus precedentes, da sua familia, e dos seus filhos.

Como se vê, esta escolha é quasi um acontecimento para a Hespanha.

NOTICIARIO

Agradecemos á direcção do Club Eleitoral Republicano Villanovense a fineza do seu convite para assistirmos á sessão solemne que tem hoje lugar n'aquelle club, em que discursarão considerados oradores do partido republicano.

Na noite de domingo para segunda feira os larapios penetraram por meio de escalamento na habitação do sr. Francisco Joaquim Lopes, roubando-lhe dinheiro no valor de cerca de 300.000 reis.

Uma cidade, cabeça de districto, e onde a falta de um grupo de policiaes facilita as gentilezas dos gatunos, não lisongeia, antes deprecia até á vergonha, esses senhores capitães mores que ahi tem jogado com a imbecilidade de quem os atura.

Abençoados ladrões. Teem ao menos o merito de tornar conhecida a ineptia d'aquella gente, e mau grado nosso, a carencia de segurança publica, que n'outras localidades muito inferiores a Aveiro, mereceu ha muito a attenção dos seus chefes politicos.

Não se realizaram os espectaculos nos dias que prenunciámos, por motivos superiores á vontade da direcção do Theatro Aveirense, que se apressou a avisar da falta, os interessados.

Por isso, teve lugar hontem a primeira recita. Foi á scena *A ave azul*, opereta em tres actos. A casa estava cheia. O espectaculo agradou, porque o desempenho correspondeu á espectiva e affirmou o merecimento da companhia que em Coimbra colheu muitos applausos e melhores interesses.

Hoje é representada a zarzuela em tres actos *Um thesouro escondido*, e amanhã vae á scena *O testamento azul*, zarzuela em tres actos e quatro quadros.

As casas estão já quasi pasadas. O resto dos bilhetes encontra-se á venda nos estabelecimentos dos srs. Antonio Cardoso, Antonio José Martins e Eduardo Augusto Osorio.

O bispo de Coimbra prohibiu que as mulheres cantassem nos templos da sua diocese, ameaçando de correcção aos parochos que não executassem as suas ordens.

A noticia cahiu como uma bomba no meio dos feis que ficaram indignados, vociferando catholicamente contra a ordem do bispo, estando prestes a gozar-se uma festa do culto que se realizou no ultimo domingo no templo das Carmelitas.

O bispo lá se entende. Elle bem sabe com que gente trata.

Mal informados dissemos no ultimo domingo que a captura dos criminosos de Torres Vedras fóra effectuada pelo sr. Antonio Baptista Lobo, capitão de cavalaria 9.

Este cavalheiro apressou-se a comunicar-nos que não foi elle o captor dos assassinos, mas sim um capitão reformado, de caçadores 6, que anda em serviço da companhia dos caminhos de ferro do norte e leste.

Fica, pois, rectificada a noticia.

Accentua-se uma corrente odienta contra o bispo. As ovelhas deslanadas principiam a inquietar-se porque o bispado lhes fez falta; porque o conde d'Arganil foi um dos que votou a favor da sua suppressão. E' caso para se dizer: — depois da casa roubada. . .

Por isso, segundo nos affirmam, vae ser dirigida ao governo uma representação pedindo a reintegração do bispado d'Aveiro, ou, (não sei de nojo como o conte) como protesto contra o bispo de Coimbra, a annexação á do Porto da extincta diocese aveirense.

Se é verdade, teremos ensino de nos rirmos do serodio zelo e ineptia d'uns e do escarninho satânico do outro.

E' lá com elles.

O mez de maio que inaugurou a sua entrada com uns dias formosos e amenos, fustigou-nos na quinta e sexta feira com grossas bategas d'agua, saraivadas e trovões, soprando o vento com violencia.

As searas deviam ter soffrido muito, pois que a pedra foi copiosa e vinha tocada com impo.

Ainda outra vez se confirmou o anexam popular de que: maio quente traz o diabo no ventre.

As phylarmonicas d'esta cidade recusaram-se a ir esperar á gare o conimbricense conquistador d'esta diocese, como prova de solidariedade na desdita dos seus membros femininos e em repre-

salia á ordem do prelado diocesano que mandou retirar as raparigas da musica de capella.

O bispo está certamente a cahir no desagrado dos seus doces freguezes.

Vamos assistir de palanque a um espectaculo comico.

Falleceu na segunda feira um homem no lugar do Solposto, de uma brincadeira inspirada pelos effluvios do vinho. Tomando a posição d'um quadrupede, o infeliz offerceu o dorso para serviço d'equitação. O cavalleiro desequilibrou-se cahindo tão desastrosamente para deante que matou o companheiro deslocando-lhe a cabeça da columna vertebral.

O fallecido era casado e deixa filhos menores na orphandade.

Principiaram já os trabalhos das companhias nas praias do nosolitoral, mas por enquanto com resultado insignificante.

Informam-nos de S. João de Loure que existe n'esta freguezia um casal, cujo chefe applica á esposa tratos d'uma crueldade feroz. Procedendo ha dias ao arar d'uma terra, o selvagem jungiu a pobre mulher com uma vacca obrigando a tirar assim o arado. N'uma cheia que invadiu o campo a infeliz ia morrendo afogada, porque o malvado a abandonou no meio da agua. Emfim, é martyrisada sem dó, sujeitando-a a tratos que só uma indole preversa pôde imaginar.

A auctoridade não poderá intervir o favor da desditosa?

Os escrivães das camaras d'este districto dirigiram ao governo uma representação, pedindo que seja estabelecido o quadro dos seus ordenados, e bem assim a tabella dos emolumentos administrativos, na nova reforma que vae ser votada em dictadura.

O *Districto de Vizeu* diz que sahio para Aveiro o ex-commissario de policia d'aquella cidade o sr. dr. Antonio Xavier Correia Gomes, inspector do sello n'este districto.

Na *peligrinação* que ha dias houve no Sameiro, os larapios mostraram-se d'uma actividade espantosa. Os *peligrinos* roubavam-se com toda a limpeza, não poupando pulseiras, relógios, cadeias, etc., emfim uma festa cheia de episodios que poz em evidencia as seraphicas intenções da sucia.

Nem a propria auctoridade escapou ao furor dos *peligrinos*, porque lhe fizeram mão baixa sobre o relógio e corrente.

Para complemento, a sr.ª do Sameiro consentiu que os feis se tosassem rijamente. Não faltou pancadaria como epilogo do entremez.

O *Diario do Governo* publicou ha dias a nota da divida fluctuante. Chega á bonita somma, em numeros redondos, de reis 12.704:880.5620. Como no mez passado estava em 12.491:762.450 reis, segue-se que augmentou em um mez 213:118.110 reis.

O povo ha de rir com as espaventosas festas do casamento da creança; mas a bolsa está a arder-lhe. No fim da orgia virão as contas.

Por ser de interesse opportuno, ampliámos hoje a noticia que no passado numero publicámos sobre a nova medida que regula o recenseamento militar, dando na integra o decreto respectivo:

«Artigo 1.º O domicilio dos mancebos emancipados, que do concelho em que estavam legalmente domiciliados, á data da emancipação, se passam para outro, não se considera estabelecido n'este sem que, além das mais

condições exigidas no artigo 13.º da lei de 27 de julho de 1855, n'elle tenham residencia habitual pelo espaço de tres annos, pelo menos.

Art. 2.º As commissões especiaes de recenseamento em Lisboa e Porto e as camaras municipaes dos outros concelhos do continente do reino e ilhas não poderão, no caso do artigo antecedente, recensear os mancebos que não hajam satisfeito ao que n'elle se dispõe, e continuarão a recensear aquelles que da respectiva circumscripção tenham mudado a sua residencia ha menos de tres annos.

Art. 3.º Os governadores civis dos diversos districtos darão aos respectivos administradores de concelho as instrucções convenientes para que promovam a observancia d'este decreto, e para este fim interponham, sendo mister, os recursos legaes.

Art. 4.º Fica por esta forma regulada a execução do artigo 13.º da lei de 27 de julho de 1855, na parte relativa ao domicilio dos mancebos emancipados.»

Os jornaes progressistas publicaram a carta de lei concedendo aos benemeritos exploradores Capello e Ivens a pensão annual de 600.000 reis a cada um!!!

Dão de 20 contos annuaes a um fedelho, a um nullo, e aquelles benemeritos que arriscaram a vida e a saúde em prol da patria e da sciencia dão-se-lhe 600.000 reis a cada um!!!

Um creançola, que nem tem o merito de verdadeiro cidadão com a minima parcella de serviço á patria ou á sociedade, porque não passa d'um escalracho daminho, suplantando as vantagens economicas d'aquelles dois illustres portuguezes! . . .

Cheira tão mal, isto. Cauza asco e nojo este pulhismo e rebaixamento das creaturas que representam o feudo monarchico.

Uma folha monarchica de Lisboa diz que «os progressistas, a titulo de festejos, para celebrar-se condignamente o consorcio de sua alteza real o principe D. Carlos, estão atropellando as leis e zombando cynica e descaradamente da paciencia publica.

Que as portas do erario estão abertas; gasta-se por toda a Lisboa dinheiro sem dó nem piedade;

Que se calcula em milhares de contos o que o governo está dispendendo, não se sabe se para corrigir antigas faltas se para satisfazer a compromissos.»

Que sucia! E que paiz a tolera!

No entretanto a accusação é insuspeita para nós, apesar da nenhuma auctoridade que assiste aos accusadores.

O *Diario de Noticias* jogou ha dias a seguinte bisca:

«Que a limpeza se estabeleça não só nas fachadas, como nas janellas interiores, nas consciencias; que os que teem e gerem os cofres do dinheiro alheio, tenham, antes de tudo, a suprema distincção de serem *limpos de mãos*.»

Em pleno arraial de rameiras. Elles encarregam-se de se descobrirem as mataduras cancerosas.

Continua a grassar em Agueda e em todo o concelho a epidemia da variola, havendo casos fataes em menores e adultos.

Noticias da Africa dizem haver fallecido no Dondo o sr. Joaquim d'Oliveira e Silva, antigo negociante da praça de Lisboa.

—Lê-se no *Jornal de Mossamedes*:

«Damos com muito gosto a noticia que em seguida transcrevemos, recebida á ultima hora de um nosso amigo dos Gambos, — e julgamos verdadeira por a termos como official.

«Vou fazer-lhe duas linhas á pressa. No dia 8 de março lhe

escrevi, mas como hoje se offerrece occasião, não quiz deixar de lhe dar a agradável noticia de que a guerra do Humbe vae terminar.

O sobba Chiahongo, do Humbe, mandou-me aqui embaixadores, pedindo-me para eu lhe dar uma diligencia que os acompanhe á Huilla, e pedindo-me ao mesmo tempo para eu interceder por elle, com s. ex.ª o governador. Diz que elle não foi quem se rebelou, mas sim o seu povo, que não teve a culpa, e por isso pede ao sr. governador paz, offerrecendo-se para pagar, todas as despezas da guerra, e indemnisar todos os negociantes dos roubos que teem soffrido, e pagar contribuições; isto no caso de ficar, e mesmo tirando-lhe o poder, quer entregar estas mãos do mesmo sr. governador Matta, que foi quem ali o collocou ha 24 annos. Não tenho tempo para mais.»

Estão a concurso as seguintes cadeiras:

No concelho de Gondomar, a cadeira mixta elementar para ambos os sexos da freguezia de Jovim, ordenado 100.000 reis.

—No de Terras de Bouro, as elementares, do sexo masculino, das freguezias de Chamoin e Ricado.

—Instrucção primaria elementar e complementar dos sexos masculino e feminino, na sede do concelho de Sardeal, 180.000 reis de ordenado cada uma.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

COMMUNICADOS

Cadaval

O celebre administrador Pedro Barruncho

O administrador Pedro Barruncho está inconsolavel, por lhe terem posto a publico as suas fanças; desesperado por não poder ir para Lisboa todas as semanas como costumava. Consta que tem inventado pavorosas, para se sustentar no lugar que occupa; tem feito provocações como se teem visto publicadas nos jornaes monarchicos; e ainda o sr. governador civil sustenta um homem d'aquelles n'um concelho como seu representante. Protestamos para não termos de dizer que tão bons são uns como outros.

Consta que na villa do Cadaval querem levantar um pedestal ao *heroe Barruncho* pelas muitas proezas que tem feito, para assim ficarem gravadas na memoria dos vindouros as prepotencias d'este *celebre administrador*.

P. B.

O nosso amigo sr. Augusto d'Oliveira estabeleceu no Porto, na rua de Gedeifeita, 210, 1.º andar uma

AGENCIA CENTRAL

na qual prompta papeis para casamentos, passaportes e passagens. Fazem-se memoriaes e requerimentos para todas as repartições publicas do reino; sollicitam-se documentos das mesmas; legalisação e expediente de cartas rogatorias para paizes estrangeiros, bem como o respectivo andamento quando regressam cumpridas; promovem-se averbamentos de quaesquer titulos de credito; encartes de empregos publicos ou officios e registos nas conservatorias. Tratam-se negocios em todos os tribunaes; recursos do recrutamento; despachos na alfandega e caminho de ferro. Encarrega-se de traducções do hespanhol, frances e inglez, cobrança de dividas, foros e pensões, publicações d'annuncios, compras, vendas, pagamento de contribuições, e finalmente de qualquer negocio concernente a agencias d'esta ordem. Tudo por preços modicos com a maxima actividade.

A agencia resolveu igualmente encarregar-se de PERGUNTAS e RESPOSTAS.

Se algum individuo desejar orientar-se sobre negocio ou pessoa no Porto, será satisfeito promptamente, mediante a retribuição de 500 reis, sendo a resposta

dada pelo correio, ou 700 reis, sendo pelo telegrapho.

Estas quantias deverão acompanhar a pergunta, em sellos ou estampilhas do correio.

BIBLIOGRAPHIA

Miniaturas.—Sahiu á luz mais outro numero d'esta revista de critica litteraria, dirigida pelo nosso amigo Alberto Bessa.

Assigna-se na rua de Wellesley, 214, 1.º—Porto.

Seroens de S. Miguel de Seide, chronica mensal de litteratura amena, noveilas, polemica mansa, critica suave dos maus livros e dos maus costumes, por Camillo Castello Branco.—Recebe-mos o 6.º volume.

A edição é do incançavel editor portuense Eduardo da Costa Santos, a quem deve ser dirigida a correspondencia, para a rua de Santo Ildefonso, 4, 6—Porto.

Revista de Medicina Do-simetrica. Recebemos o numero 5 do 7.º anno

Assigna-se na pharmacia M. J. Pinto & C.ª, Loyos, 36—Porto.

Republicas.—Sahiu o n.º 69 (8.º da 3.ª serie).

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Barros, rua Nova do Carmo, 90, 1.º—Lisboa.

O Pastelleiro de Madrigal.—Recebemos o fasciculo n.º 26. E' editora a Empreza Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

Os milhoes do criminoso. Recebemos o fasciculo 22 d'este esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

O resumo do entretcho da presente caderneta é o seguinte:

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

A Illustração Portuguesa.—Recebemos o n.º 42 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

Publicações litterarias

BIBLIOTHECA DO CURA DA ALDEIA

211—RUA DO ALMADA—217

PORTO

OS PREDESTINADOS

POR HENRIQUE PEREZ ESCRICH

Preço de cada volume 500 reis. Para os srs. assignantes 450 reis. Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

ARNALDO GAMA

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(2.ª edição Illustrada)

O incançavel editor portuense, Eduardo da Costa Santos, já tem muito adiantada a publicação do «SARGENTO-MÓR DE VILLAR» (2.ª edição illustrada.)

A obra constará de dous volumes in 8.º, e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 reis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se acceptam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despesas de porte do correio, que serão pagas á custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma esplendida gravura executada expressamente na Alemanha.

Assigna-se na Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua de Santo Ildefonso—4 e 6—PORTO.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

OTHELLO

O NOURO DE VENEZA

DE

WILLIAM SHAKESPEARE

Tragedia em 5 actos, traduzida

para portuguez por

D. Luiz de Bragança

A' venda na Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto. Preço, 300 reis; pelo correio, 320.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Explendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanales de 32 paginas ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

OS

MILHÕES DO CRIMINOSO

Os «MILHÕES DO CRIMINOSO» são a ultima e a mais interessante obra de Xavier de Montépin, auctor dos romances: «O Fiacre n.º 13, Misterios de uma herança, Crimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze.»

1.ª parte—O Incendiario.

2.ª parte—O grande industrial

3.ª parte—A luz da verdade.

Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas cores, dos quaes o primeiro é o retrato de Montépin.

Cada chromo 10 reis—50 reis semanales.

Brindes a cada assignante: 100.000 reis em 3 premios pela loteria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empreza editora Belem & C.ª, rua na Cruz pe Pau, 26, 1.º Lisboa.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

ANNUNCIOS

PROPRIEDADE

Vende-se uma na Fonte Nova, onde se acha estabelecida a fabrica de louça. Para informações falle-se com Francisco Paes.

Arrematação

No dia 23 do corrente ha de se arrematar em hasta publica, ás 6 horas da manhã, uma casa com quintal e arvores de fruta e poço, sita na rua da Senhora, em Verdemilho, que era pretencente a Fernando de Almeida Vidal e hoje de José Nunes Migueis e herdeiros de sua mulher.

Venda de casas

Vende-se uma morada de casas altas, na rua do Sol. Quem pretender falle com José Nunes da Maia.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 reis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883. DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEBRA—MOREIRA & C.ª

CHAMAMOS a attenção de todos os srs. consumidores para estas qualidades de genebra 'E' a mais barata, a mais estomacal e a melhor até hoje conhecida.

Tem acolhimento geral em todo o paiz, e foi premiada na ultima exposição de Lisboa.

Deposito: Todos os estabelecimentos de mercearia e muitos outros no Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) Mor.ª & C.ª, e a rolha com a firina (fac-simile) dos fabricantes.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorizado pelo



governo, e aprovada pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellent «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceptar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toaste», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das das garrafas devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VIENNA (AUSTRIA)

QUASI DE GRAÇA!!!

42 PEÇAS formando um formoso serviço de me mesa por 38850 reis!!

Por motivo de liquidação, é posta á venda, com o abatimento de 75 p. c., grande quantidade de prata Alfinide (Argenterie Alfinide).

Por 38850 reis apenas representando sómente metade da mão d'obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa, de prata Alfinide, muito fino e duradouro:

- 6 formosas facas de mesa
- 6 garfos
- 6 colheres de sopa
- 6 bonitas colheres de chá
- 1 grande colher de terrina
- 1 grande colher de legumes
- 3 formosas oveiras massicas
- 2 chicharas para sobremesa
- 1 pimenteiro e assucareiro
- 1 formoso coador para chá
- 3 magnificos assucareiros
- 6 formosos apoios para facas

42 peças

BRANCURA GARANTIDA POR 10 ANNOS

Para receber os 42 objectos, formando um serviço completo de mesa, FRANCO, NO DOMICILIO em 9 ou 10 dias, dirigir ao Deposito geral das fabricas unidas de prata Alfinide, a M. RUNDBAKIN, II Hedwiggasse, 4, Vienna (Austria); remetendo adiantadamente 38850 reis por meio de ordem particular ou postal.

Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha, tendo n'este caso o destinatario de satisfazer despezas de cerca de 350 rs.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A' venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; emphavo, João C. Gomes. Deposito geral, Pharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e aprovado nos hospitales. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

—AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 300 reis semanales, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"

AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 9—7 (Pegado á Caixa Economica)

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha e dos homens mais notaveis do seculo XIX.

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Valiosos BRINDES a cada assignante, consistindo em 4 magnificos QUADROS compostos e executados por professores distinctos de Bellas Artes.

Os BRINDES distribuidos a cada assignante vender-se-hão avulsos por 50 mil reis.

A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez.

Cada fasciculo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 reis sem mais despeza alguma.

No imperio do Brasil cada fasciculo 800 reis francos.

A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40.

Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 12 e 15 libras.

A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 10.000 reis fortes.

O primeiro fasciculo sahirá em abril proximo.

Está aberta a assignatura para esta notavel edição na

LIVRARIA PORTUENSE DE LOPES & C.ª—EDITORES

RUA DO ALMADA, 123—PORTO

Recebem-se propostas para correspondentes em todo o paiz e no estrangeiro.